

MEDIDA DRÁSTICA

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

WANDA A. CANUTTI
PELO ESPÍRITO EÇA DE QUEIRÓS

MEDIDA

DRÁSTICA

CAPIVARI-SP - 2018

© 2005 Wanda A. Canutti

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

5ª reimpressão - maio/2018 - de 21.000 a 24.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | vbenatti

REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Eça de Queirós (espírito)

Medida drástica / pelo espírito Eça de Queirós;
[psicografado por] Wanda A. Canutti - 5ª reimp. mai. 2018 -
Capivari, SP: Editora EME.

224 p.

1ª ed. maio 2005

ISBN 978-85-7353-317-0

1. Romance mediúnico. 2. Lei de causa e efeito.

3. Expição do passado.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------|-----|
| Palavras do autor | 7 |
| 1. Sem defesa..... | 11 |
| 2. Amargas recordações..... | 19 |
| 3. Sabedoria divina..... | 31 |
| 4. Um teto espiritual | 43 |
| 5. Novos planos | 51 |
| 6. Nova oportunidade | 65 |
| 7. Lucro certo | 79 |
| 8. Ambição desmedida | 91 |
| 9. Vida nova | 107 |
| 10. Reencontro | 119 |
| 11. O planejado se cumpre | 133 |
| 12. Verdade cruel | 147 |
| 13. A dura realidade..... | 165 |
| 14. Terríveis consequências..... | 175 |
| 15. Visita materna..... | 191 |
| 16. Medida drástica..... | 207 |

PALAVRAS DO AUTOR

Seres falíveis na Terra, sempre os há, pois é nela que as provas são vivenciadas, é nela que o aprendizado maior se realiza, e é nela que a modificação interior, como resultado do esforço de cada um, é efetuada.

Entretanto, aqueles que aqui aportam trazendo esses propósitos, nem sempre conseguem cumpri-los e, em contato com os vícios que ainda grassam na humanidade, e com o despertar dos que eles próprios ainda carregam no espírito, advém a falência.

Ah, quão importante é para um espírito, uma existência terrena! Ela é a abençoada oportunidade concedida por Deus, para que erros sejam ressarcidos e o progresso espiritual efetuado.

Nem todos, porém, que aqui se encontram, atentam para a sua verdadeira finalidade de estarem vivendo neste planeta de provas e expiações e, por mais o Pai misericordioso lhes ofereça oportunidades, eles sempre reincidem no mal.

A cada espírito Deus dá o direito de promover a própria evolução, oferecendo-lhe os meios para isso, mas nem sempre assim acontece e oportunidades são desperdiçadas.

Esquecidos do que prometeram e prepararam, esquecidos do que eles mesmos, muitas vezes, pediram como prova para ajudá-los a mais rapidamente ressarcir seus males e progredir, reincidem não só uma, duas ou mais vezes, como que desprezando todas as concessões que Deus lhes tem feito.

Nessa situação, quando o retorno ao Mundo Espiritual se dá, o espírito sofre muito, não só pelos erros cometidos, mas muito mais por não ter conseguido realizar o que se propusera.

Em assim sendo, medidas mais drásticas precisam ser tomadas em favor desse espírito, para que um basta definitivo seja dado àquela vida de promessas não cumpridas, de propósitos não realizados. E, com essas medidas, uma encarnação de dificuldades é sempre solicitada ou imposta, durante a qual muito sofrimento deve ser suportado. Todavia, é através dele que a redenção se fará, e, por mais ele sofra aqui, com provas tão acerbadas, nenhum sofrimento é maior que o do arrependimento quando verifica, ao retornar ao país de origem, que novamente falhou, mais compromissos acumulou e perdeu uma oportunidade valiosa de redenção.

Compreendam, pois, as provas difíceis, sejam elas

quais forem, como o resultado da misericórdia divina em favor daquele espírito em romagem terrena, porque era justamente o de que ele necessitava para sua redenção, e ajudem-no o quanto puderem, pois que assim estarão ajudando o próprio Pai a recolher, ao seu aprisco de amor, mais um filho perdido.

Eça de Queirós

Araraquara, 17 de março de 1999



CAPÍTULO 1

SEM
——
DEFESA



Os transeuntes cruzavam a cidade com muita pressa. O céu escurecera de repente e uma grande tempestade se avizinhava.

O medo de que ela os atingisse em plena via pública, ao desabrigo de um teto que os protegesse, fazia-os andarem apressados e os mais ágeis até correrem.

Os trovões reboavam com fortes estampidos, e, logo após, aquela escuridão, em pleno dia, era interrompida pelos raios que traçavam os desenhos mais assustadores no céu.

As águas ainda não haviam começado a cair, mas não tardariam.

A um canto, tentando abrigar-se, encostado a uma parede, um velho presenciava aquele espetáculo de quase horror.

Todos os que corriam tinham uma casa para resguardá-los, tinham entes queridos que se preocupavam com eles, e os esperavam ansiosamente para reunir a família ao abrigo de um teto.

E ele, para onde iria?

Forças para correr, não possuía mais. Era sempre mal alimentado, vivia da caridade alheia, e mesmo que pudesse correr, não teria nenhum teto para protegê-lo, nenhum familiar para esperá-lo.

Por isso ele ali permanecia, sem que ninguém, entre os que passavam apressados, prestasse atenção nele.

Como seria bom ter um lar, uma esposa, filhos para

amar e ser amado! Ele, porém, nada disso possuía. Vivia numa miséria total e abrigava-se, às vezes, em algum canto abandonado, mas, naquele momento, era ali mesmo que deveria ficar.

O receio que tomava aqueles que por ele passavam, já não existia mais em seu coração. O pobre velho não tinha nada, a não ser a vida que Deus ainda lhe conservava. Embora muitas vezes, nos dias de sofrimento mais atroz lhe implorasse que o levasse desta Terra de sofrimento, parecia-lhe que seus rogos não eram ouvidos.

Não seria, aquele movimento todo que a Natureza preparou, uma recepção para levá-lo de vez?

Esperava que sim... Para ele, por tudo o que sofrera e por tudo o que fizera, só dessa forma é que merecia partir, levado aos trambolhões pelas águas e pelo vento, ou atingido por um daqueles desenhos que se formavam no céu e de lá se desprendesse para atingi-lo.

Não merecia ser levado num dia de primavera, de sol brilhante, de flores perfumadas e de pássaros voejantes. Não, uma partida assim eram poucos os que mereciam, e ele sabia, não era ele.

Nenhum anjo tocando as cornetas da recepção para aqueles que bem viveram na Terra estaria pronto para recebê-lo.

A Natureza estava atormentada e manifestava-se em bravios brados, mas o seu coração, não obstante calado, não estava menos atormentado que ela.

Sim, o tormento, o remorso, tomavam-lhe o pensamento em todas as horas do dia, e sem querer, rememorava a sua vida, tudo o que fizera, as oportunidades que perdera deixando de ser um daqueles cidadãos que corriam em busca do seu teto, do seu abrigo, do aconchego dos seus familiares.

Ele também tivera um teto, não um comum e simples, mas luxuoso, com muitos empregados que o serviram, assim como a todos os seus familiares.

Tivera uma esposa, linda, jovem como ele próprio o fora, e quando a levou para a nova casa, após a cerimônia do casamento, um entrever de muita felicidade e muitas esperanças fazia parte dos sonhos de ambos.

Os dois vinham de famílias abastadas que, apesar de terem esse casamento como promissor para os interesses das partes que se uniam, se amavam muito e a felicidade que esperavam viver, depois do casamento, estava acima de qualquer interesse.

E os filhos? Ah, quando pensavam nos filhos que teriam, a felicidade era maior. A chegada do primeiro foi o momento supremo de felicidade que se prolongou depois, e novamente se manifestou quando chegaram o segundo e o terceiro.

Dois homens e uma mulher. A caçula era uma menina linda e terna que fazia a alegria do pai quando se encontrava no aconchego familiar.

Mas por que ele pensava nessas coisas que estavam tão distantes? Por que justamente aquela hora de afli-

ção e temor para tantos, trazia tão ternas lembranças para o seu coração? O que significariam elas? Que as deixaria para sempre juntamente com a tempestade que se avizinhava? Que elas deixariam para sempre de ser lembranças como deixaram de ser realidade?

Com a realidade ele não poderia lutar, mas as lembranças eram suas, pertenciam-lhe por inteiro e ninguém poderia interferir nelas, proibindo-o de tê-las, de pensar naqueles que um dia lhe foram tão queridos.

A tempestade estava cada vez mais próxima, e as lembranças, em meio aos raios e aos trovões, se interpunham entre eles.

Quando chegou, nada foi diferente do que se esperava. Ao contrário, esperava-se muito, mas ela viera com uma força mais feroz ainda, arrasando, destruindo, amedrontando.

O pobre homem que se encostara a um canto de parede para poder resguardar-se, pouco pudera fazer contra a sua fúria. Lutar, não adiantaria. Quem luta contra as forças da Natureza e sai vencedor? Bem poucos...

Se até alguns mais jovens e fortes pereceram, como ele, frágil, velho, exposto com toda a liberdade, poderia se salvar?

Quando a fúria da tempestade se acalmou, e aquela noite em pleno dia se desfez, os mais curiosos puderam sair às ruas e, o que encontraram, foi assustador.

As construções mais antigas, sem conservação, não haviam resistido e muitas delas encontravam-se no

chão. Muitas árvores arrancadas e, dos que não conseguiram chegar a um abrigo seguro e foram alcançados em plena rua, poucos sobreviveram.

O pobre velho, encostado à parede, ruiu juntamente com ela, e ninguém sabia se havia alguém sob os escombros. Ninguém o reclamara, mas após algum tempo, quando a cidade promovia a arrumação do que fora destruído, ele foi encontrado, sem identidade, sem nome, sem nada... Apenas um corpo inerte e bastante ferido, que um ou outro reconheceu por vê-lo pelas ruas, muitas vezes implorando a caridade pública.

E as suas lembranças, aquelas que insistiram em lhe retornar quando as sombras ameaçadoras encobriram o brilho do Sol, atemorizando a muitos? Todas feneceram juntamente com ele.

Agora ele era apenas ele, sem nome, sem passado, sem lembranças, sem futuro, sem esperanças...

Se considerarmos a fragilidade de um corpo físico, sabemos que dele nada mais existia, nada mais havia.

No entanto, o corpo é apenas uma parte de nós, necessária e útil enquanto aqui na Terra nos encontramos encarnados, mas ele não é tudo, não é absoluto, não é o único. Somos espírito, imortal e nenhuma tempestade, por mais feroz e demolidora pode destruir.

Se o corpo fica na Terra, imóvel por ser perecível, o espírito continua vivo porque é imortal.

Se assim pensamos, apenas uma parte daquele que ali perecera se perdeu, porque em espírito continua-

va vivo e muito vivo, abrigando em seu íntimo todas as lembranças de todos os atos praticados, de todos aqueles que fizeram parte delas como entes queridos ou como adversários cruéis.

O corpo morre, mas é o espírito que armazena todas as experiências, é ele quem impele às boas ações se já o temos um pouco mais purificado de tantos males que um dia praticamos, e é ele que também nos impulsiona à prática das más ações, se ainda não o temos desperto para as verdades eternas ensinadas pelo Cristo Jesus.

E, em relação àquela nossa personagem, o que poderemos dizer? Seu corpo, não reclamado por ninguém, encontrara o sepultamento juntamente com outros que também pereceram em iguais circunstâncias, mas em espírito vagava sem saber o que realmente havia acontecido.

Seu pensamento intenso nos familiares, nos últimos instantes de sua vida, todas as lembranças que trouxera do armazém das suas recordações que o faziam sofrer, ligaram-no intensamente a eles, e ele espírito, sem saber, ainda o que havia acontecido, encontrava-se novamente no lar que um dia fora seu, e recordava seu nome, Djalma.

A cidade era outra e até os tempos eram outros. Muitos anos haviam passado, seus filhos eram adultos, mas ainda permaneciam junto da mãe. E ela, a sua esposa, envelhecera e andava mais alquebrada.

Se os encontrasse na rua enquanto ainda vivia no corpo, não os reconheceria, mas ali, sem entender ainda o que havia acontecido consigo, sabia que estava no seu lar e reconhecia tanto a sua esposa quanto seus filhos. Se assim era, por que não lhe dirigiam a palavra, por que o ignoravam completamente como se ele não existisse? Se entre eles se encontrava novamente, alguma coisa deveria ter acontecido e ele precisava saber o quê.